

---

A EDUCAÇÃO PRATICADA NO/COM O MAR:  
O QUE NOS DIZEM GESTOS E NARRATIVAS DOS EDUCADORES DO MUSEU?

---

EDUCATION PRACTICED IN/WITH MAR:  
WHAT GESTURES AND NARRATIVES OF THE MUSEUM'S EDUCATORS SAY TO US?

---

EDUCACIÓN PRACTICA EN / CON EL MAR:  
¿QUÉ NOS DICEN LOS GESTOS Y LAS NARRATIVAS DE LOS EDUCADORES DE MUSEOS?

---

Maria Clara Baldez Boing<sup>1</sup>

**RESUMO**

Esta dissertação se propõe a *pensarfazer*<sup>2</sup> a educação praticada no/com o Museu de Arte do Rio (MAR) a partir de pistas sugeridas pelos gestos e narrativas dos educadores do museu, além de, por extensão, *pensarfazer* a formação desses próprios educadores, tecida, permanentemente, em meio a esse processo. Conforme a tendência de pesquisas em educação conhecida como nos/dos/com os cotidianos, a qual essa pesquisa se insere, o trabalho metodológico para a produção de dados requereu um mergulho com todos os sentidos nos cotidianos do museu, compreendendo conversas com seus públicos, produção de fotografias, acompanhamento de visitas e dos processos de formação, entre outros procedimentos, além da problematização das minhas próprias práticas, pois, como educadora do museu, tornei-me também objeto de minha pesquisa. Com a análise do material produzido, a pesquisa entende que os relatórios de visitas produzidos pelos educadores do museu como tarefa das atividades formativas propostas pela instituição constituem uma potência criativa em narrativas, em meio às quais e com as quais são problematizadas, afirmadas, refutadas e inventadas as práticas educativas no/com o MAR, e, assim, os toma como principais intercessores para pensar as redes de conhecimentos engendradas com os cotidianos do museu. Em suma, a instigação dessa pesquisa nos/com os cotidianos do Museu de Arte do Rio são as maneiras de habitar o museu, instituídas pelos gestos e narrativas de seus praticantes, e que podem nos ajudar a *pensarpraticar* uma educação não somente para a arte, mas para a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Museus. Formação de educadores. Mediação Cultural. Narrativas. Gestos.

---

**Submetido em:** 10/08/2019 **Aceito em:** 14/08/2019 **Publicado em:** 31/08/2019.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro Brasil

<sup>2</sup> A junção de alguns termos, que aparecerão em itálico, será recorrente ao longo desse texto para, conversando com Alves (2010), problematizar a dicotomia do pensamento construída pela modernidade; tais quais: *pensarfazer*, *saberesfazer*, *ensinosaprendizagens* ou *espaçostempos*.

**ABSTRACT**

This thesis proposition is the art of *thinkingdoing* education that is practiced in/with the Rio Art Museum (MAR in Portuguese) from clues suggested by gestures and narratives of museum educators, and by extension, to *thinkingdoing* of the formation of these educators themselves, permanently woven in the midst of this process. According to the research known as education in/of/with the everyday in which this research is insert, the methodological work to produce data required a dive with all the senses in the museum daily life, including conversations with its different public, photographs production, accompanying visits and training processes among other procedures, because in addition to the problematization of my own practices as a museum educator I also have become the subject of my research. With the analysis of the produced material, the research believes that the visit reports produced by the museum educators as part of their training activities proposed by the institution, bring a creative potential to the narratives among which they are questioned, asserted, refuted and invented at the field of educational practices in/with MAR and thus taking them as main intercessors to think the engendered knowledge networks within the museum daily life. In short, the instigations of this research in/with the everyday of the Rio Art Museum are, somehow, the ways of inhabiting the museum, set up by gestures and narratives of its practitioners and can help us to *thinkpractice* not only an education for art but also for life.

**KEYWORDS:** Education. Museum. Educators Training. Cultural mediation. Narratives. Gestures.

**RESUMEN**

Esta disertación tiene la intención de pensar en la educación practicada en/con el Museo de Arte de Río (MAR) a partir de pistas sugeridas por los gestos y narrativas de los educadores del museo y, por extensión, pensar en la formación de estos mismos educadores, tejidos, permanentemente en medio de este proceso. Según la tendencia de la investigación en educación conocida como nosotros/con la vida cotidiana, en la que se inserta esta investigación, el trabajo metodológico para la producción de datos requirió una inmersión sensata en la vida cotidiana del museo, incluidas las conversaciones con sus públicos, producción de fotografías, seguimiento de visitas y procesos de capacitación, entre otros procedimientos, además de la problematización de mis propias prácticas, porque, como educador de museo, también me convertí en el objeto de mi investigación. Con el análisis del material producido, la investigación comprende que los informes de visita producidos por los educadores del museo como una tarea de las actividades formativas propuestas por la institución constituyen un poder creativo en las narrativas, entre las cuales y con las que se problematizan, afirman, refutan y las prácticas educativas en/con MAR fueron inventadas y, por lo tanto, las toman como los principales intercesores para pensar en las redes de conocimiento engendradas con la vida cotidiana del museo. En resumen, la instigación de esta investigación en la vida cotidiana del Museo de Arte de Río son las formas de habitar el museo, instituidas por los gestos y las narrativas de sus practicantes, y que pueden ayudarnos a pensar en practicar una educación no solo para el arte, pero para la vida.

**PALABRAS CLAVE:** Educación. Museos. Formación de educadores. Mediación cultural. Narrativas. Gestos.

Esta dissertação tomou como cenário para a pesquisa o Museu de Arte do Rio (MAR), localizado na Praça Mauá, região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado em 2013, o MAR é um museu municipal de arte e cultura visual, gerido pela Organização Social (OS) Instituto Odeon. A aquisição de acervo com realização de exposições e o programa de educação são os eixos centrais de atuação e se enunciam na própria arquitetura do museu, que



é composta pela integração de três construções: o antigo Palacete Dom João VI, que atualmente abriga o Pavilhão de Exposições; o edifício modernista Escola do Olhar; e o antigo Terminal Rodoviário da cidade, onde hoje funciona a bilheteria do museu, localizada no pilotis, comum a todos os prédios.

Tudo foi pensado para que os prédios da Escola do Olhar e do Pavilhão de Exposições ficassem com a mesma altura, simbolizando a equiparação da educação com a arte, unidas, poeticamente, por uma cobertura fluida que lembra ondas do mar. O percurso de visita também acompanha o conceito do museu, pois o visitante deve primeiro passar pelo prédio da Escola do Olhar para, por uma passarela, acessar o Pavilhão de Exposições. Primeiro passa-se pela educação para chegar na arte.

Diante da enunciação de um museu que evoca a educação como prática inerente à sua existência, me interessou problematizar os modos de *pensarfazer* a educação lá praticada, realizando uma abordagem pelas e com as narrativas de seus educadores praticantes. Conversando com Certeau (2014), busquei compreender os modos pelos quais os educadores e os visitantes, com suas lógicas operatórias e suas narrativas, podem fazer de um museu - que se apresenta como um lugar próprio e cheio de regras - um *espaçotempo* inventado por múltiplos interesses, desejos, experiências e percursos de *ensinoaprendizagem*.

Na dissertação tive como importantes interlocutores os educadores da equipe do MAR, constituída por um coletivo de profissionais com formações em diferentes áreas das ciências humanas e sociais, e que atuavam diretamente no Programa de Visitas Educativas recebendo grupos, na maioria de escolas da rede pública de ensino. Para dialogar com esses educadores, conversei com seus relatórios de visitas produzidos entre os anos de 2014 e 2015, e apropriados por mim, com autorização dos autores e da administração, como relatos de praticantes.

O que as narrativas desses praticantes indicaram é que a formação continuada dos educadores do museu, criados e criadores de suas práticas, em um processo de invenção de si e da profissão desencadeado nos/com os cotidianos do MAR, vem dialogando para além dos

textos teóricos, das informações institucionais e dos conteúdos das exposições, com redes de sensibilidades que se forjam na articulação entre imagens, elementos arquitetônicos, ruídos, sons, cheiros, sabores, fragmentos de memórias, experiências corporais, gestos, rituais e histórias contadas sobre a arte, a cidade e a vida de todo dia, tecidas nos encontros com visitantes, ideias e coisas, em processos de apropriação, compartilhamento e produção, não só de sentidos, mas também de presenças (GUMBRECHT, 2010).

Ao narrarem suas práticas cotidianas, esses educadores negociam, questionam, subvertem e reinventam expectativas, conteúdos, normas e modos operacionais de praticar a educação no/com o museu, para além de qualquer prescrição formulada por um poder proprietário, que estabelece regras e formas de vivenciar seus *espaçostempos*. Os educadores inventam suas práticas por “mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2014, p. 38).

São múltiplas as pedagogias tecidas pelos/com os relatos e gestos dos educadores. O que me instigou nessas narrativas foram, principalmente, as múltiplas maneiras de habitar o museu e o que elas/com elas se institui, nos levando a pensar em uma educação que não se destina somente à apreciação da arte, mas exerce para a expansão da vida, tendo como propulsora uma sensibilidade potencializada pela experiência estética e pela arte.

No primeiro capítulo, pensei os *espaçostempos* e narrativas historicamente construídas sobre museus, estabelecendo um diálogo sobre patrimônio e memória com Certeau, Giard e Mayol (2011), que nos ajudam a pensar como os gestos e relatos dos praticantes tornam o lugar em espaço habitável. Para eles, o museu é um lugar que pretende guardar, pacificar e preservar objetos, seres e histórias, arrancando-os de seus contextos de criação e uso que, pelo processo de museificação, passam a um outro sistema de usos, o qual prioriza o olhar e atende, para garantir a conservação e a preservação, às normas próprias desse lugar. Ao que parece, trata-se de uma mortificação desses objetos, seres e histórias, que não podem mais serem sequer tocados, passando a serem ordenados e preservados pelas condições impostas às regras e normas desse lugar. Certeau (2014), no entanto, indica que, constantemente, há questionamentos, deslocamentos, subversões ou reinvenções desses lugares por seus praticantes, corpos caminhantes pelo museu que tecem, com seus passos, gestos e relatos,



múltiplas maneiras de habitar, experimentar ou significar, produzindo possíveis vidas ao que, aparentemente, estava dado como morto.

O capítulo dois foi destinado a uma conversa com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos que me levou, com Alves (2010), Oliveira (2010), Ferraço (2007) e Soares (2009), às complexidades dos métodos e metodologias que lidam com o objeto igualmente complexo que é a educação praticada nos/com os cotidianos do MAR e, por tabela, à formação permanente de seus educadores. Apresentei, então, como são produzidos os relatórios dos educadores, interlocutores dessa pesquisa, e que foram apropriados aqui como narrativas, bem como alguns de seus gestos.

No capítulo terceiro, me dediquei a *pensarfazer* os múltiplos contextos das práticas de mediação em museus, que foram, ao longo do capítulo, problematizados em uma conversa com a educadora e artista Morsch (2013). Conversando, também, com algumas narrativas produzidas pelos relatórios dos educadores do MAR, comecei a pensar em como suas práticas nos dão pistas para compreender e *pensarfazer* a educação do museu.

O capítulo seguinte, a partir dos corpos caminhantes, sobre os quais nos fala Certeau (2014), pensei os modos como os praticantes habitam os *espaçostempos* do museu. São esses corpos - dos educadores, de estudantes e de outros visitantes, de turistas, de moradores da região, de seguranças, de gestores, de artistas, entre outros - que com seus passos, gestos e relatos deslocam, questionam, subvertem ou reinventam as normas do museu e produzem outras maneiras de experimentar, pensar, fruir os seus *espaçostempos*. São corpos que emergem (se presentificam), nessa pesquisa, a partir de relatos dos educadores e imagens produzidas nos cotidianos do museu por seus praticantes.

No quinto e último capítulo, conversando diretamente com os relatos produzidos pelos educadores sobre suas visitas, procurei pensar a educação praticada nos/com os cotidianos do museu. Ao narrarem suas práticas, os educadores inventam outras pedagogias, que já não respondem somente ao desejo do museu, ao que se pensa sobre a função de um educador ou mesmo a informações sobre os conteúdos das exposições. Esses relatos me instigam a

*pensarfazer* a formação de educadores, a compreender como é tecido esse processo. É certo que não somente por vias institucionais, mas ao narrarem suas próprias práticas, eles estariam também inventando seus processos auto formativos?

Essa dissertação, que se teceu também como um relato dos/com meus cotidianos de educadora e pesquisadora no MAR, se propôs a *pensarfazer*, deslocar, reinventar, problematizar, conversar e sentir as múltiplas maneiras de praticar e *ensinaraprender* no/com o Museu de Arte do Rio.

Com Alves (2010) aprendi que são as práticas cotidianas de *fazersaber* que tecem as redes de conhecimentos. Com Certeau (2014) conheci algumas maneiras de *pensarfazer* tais práticas. Seriam elas de ordem tácita, criadas, muitas vezes, ao acaso e na oportunidade de uma ocasião, como gestos hábeis do ‘fraco’ em meio a uma ordem estabelecida, estrategicamente, pelo ‘forte’. Os modos de *fazersaber* dos sujeitos ordinários, praticantes, entre outras coisas, de aparelhos culturais oferecidos e de postos para consumo, constituem uma arte. A “arte de dar golpes no campo do outro, astúcias de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polifórmicas, achados alegres, poéticos e bélicos” (CERTEAU, 2014, p. 98). Valendo-me dos ensinamentos de Alves e Certeau, “usei” alguns dos procedimentos propostos para esse tipo de pesquisa, experimentando e reinventando, à maneira como me foi possível, alguns movimentos por eles sugeridos para *pensarfazer* as práticas de educação com/nos cotidianos do MAR. Movendo-me *dentrofora*, com e apesar das normas instituídas pelo museu, conheci, convivi e dialoguei, ao longo desse trabalho, com corpos moventes que teceram, de forma tácita, quase invisível, com seus gestos e relatos, múltiplas formas de praticar os *espaçostempos* do Museu de Arte do Rio, tecendo conhecimentos e relações. Tratou-se de buscar trazer à tona artes de fazer e artes de dizer que inventam e instituem outras pedagogias possíveis para o educativo no museu. Sobre tais movimentos, Certeau (2014, p. 98-99) nos diz:

Haveria uma proliferação de manipulações aleatórias e incontroláveis, dentro de uma imensa rede de coerções e seguranças socioeconômicas: miríades de movimentos



quase invisíveis, operando na textura sempre mais fina de um lugar homogêneo, contínuo e próprio a todos.

Essas manipulações aleatórias e incontroláveis são invisíveis, penso eu, a olho nu. Com Alves (2010) também percebi que fomos ensinados a priorizar o olhar pelos modos que se tornaram hegemônicos no *pensarfazer* o conhecimento na modernidade. Com essa pesquisa, me motivei a *pensarfazer* os movimentos aleatórios e incontroláveis dos corpos que praticam a educação no/com o MAR com tentativas não de torná-los visíveis ao olho – já não percebo mais o olhar como o modo hegemônico nesse *pensarfazer* – mas sim de senti-los, correndo, rastejando, tocando, cheirando, ouvindo, meditando, rolando, subindo e descendo de elevador e vivenciando, de diferentes e combinadas formas, o museu.

*Pensarfazer* a importância do corpo nos processos de comunicação, percepção e criação de conhecimentos, é, com Gumbrecht (2010), apostar na produção da presença, questionando também a hegemonia que o pensamento ocidental nas ciências humanas confere à identificação, ou mesmo à atribuição, de sentidos na relação das pessoas com as coisas que estão no mundo. Esse autor nos desafia a pensar no que há de não conceitual no mundo, em caminhos intelectuais que não se reduzem às práticas de significação, no que é possível experimentar, primordialmente, fora da linguagem. Reconhecendo que a interpretação é parte integrante e necessária do nosso estar-no-mundo, mas também que este, assim como a nossa relação com ele, não se reduz à hermenêutica, Gumbrecht (2010) propõe uma análise que promova a tensão entre presença e sentido. Presença, para este autor, é o que está acessível ao nosso corpo, o que pode tocar e ser tocado por ele. Nessa perspectiva, ele sugere “que concebamos a experiência estética como uma oscilação (às vezes, uma interferência) entre ‘efeitos de presença’ e ‘efeitos de sentido’” (GUMBRECHT, 2010, p. 22). Foi o que busquei nessa dissertação, também com a ajuda de Certeau (2014), ao enfatizar alguns dos gestos e dos relatos que tecem conhecimentos e relações nos *espaçostempos* do museu, considerando ainda as materialidades como condições aos processos de significação.

Com e pelos relatos dos educadores, engendrando suas práticas no/com o MAR, busquei pensar a função do educador de museu. Como educadora, entendi que com nossas táticas cotidianas, marcando com nossas práticas desvios em relação ao que estava posto, produzimos diferenças que instauram aberturas estéticas, epistemológicas e políticas em um processo de formação – e auto formação – permanente. Penso a potência no caráter invisível – ao olho nu – dessas práticas, com corpos que se movimentam com astúcia com as normas, pelas normas e apesar das normas instituídas por um poder proprietário do museu. O que é visível ao olho nu pode ser capturado, medido, examinado ou enquadrado; enquanto o que é sentido, tocado, afetado, constantemente metamorfoseado, nos escapa. Ao que nos escapa, que é incontrolável e não é capturado, não podemos, então, encerrar ou concluir.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O autor como gesto. In: AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 55-63.

BORGES, J. L. O Idioma Analítico de John Wilkins. In: BORGES, J. L. **Prosa completa**. Barcelona: Bruguera, 1985. v. 3, p. 109-113.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DP&A, 2008. p. 15-38.

\_\_\_\_\_. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DP&A, 2008. p. 39-48.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Lucy; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HONORATO, C. **A formação de mediadores e um currículo da mediação**. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/eav/Cayo%20Honorato.pdf>>. Acesso em: 01/12/15.

FERRAÇO, C. E. **Pesquisa com cotidiano**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>>. Acesso em: 03/12/2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANÇA DE ANDRADE, R. V. **Experimentações curriculares e juventudes em redes conexionistas e inventivas na contemporaneidade**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GASPAR NETO, F. A. O gesto entre dois universos: a noção de gestus no teatro de Bertolt Brecht e no cinema dos corpos de Giles Deleuze. **R.cient./FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p. 1-15, jan./jun. 2009

GUMBRECHT, H. U. **Produção da presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2010.

YUDICE, G. Museu Molecular e Desenvolvimento Cultural. **Economia de Museus**. Disponível em: <[http://works.bepress.com/george\\_yudice/3/](http://works.bepress.com/george_yudice/3/)>. Acesso em: 26/11/15

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MESQUITA, A. Escuta. In: RIBAS, C. (Org.) **Vocabulário político para processos estéticos**. Rio de Janeiro, 2014, p. 135-139. Disponível em: <[http://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/01/vocabpol\\_links-completo.pdf](http://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/01/vocabpol_links-completo.pdf)>. Acesso em: 03/12/2015.

MORSH, C. **Trabalhar na contradição**. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/156/pt8622710.htm>>. Acesso em: 10/12/2015.

\_\_\_\_\_. **Contradecirse una misma: la educación en museos y mediación educativa como práctica crítica**. Disponível em: <[http://www.mediacioncomunitaria.gob.ec/assets/contradecirse\\_una-misma.pdf](http://www.mediacioncomunitaria.gob.ec/assets/contradecirse_una-misma.pdf)>. Acesso em: 20/11/15.

OLIVEIRA, I. B. de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DP&A, 2008. p. 48-64.



OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DP&A, 2008. p. 9-14.

OLIVEIRA, I. B. de; GERALDI, J. W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I. B. de (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP & A; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 13-28.

QUÉRE, L. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, B. S.; MENDONÇA, C. C.; GUIMARÃES, C. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. In: RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 7-26.

SOARES, M. da C. S. **A comunicação praticada com o cotidiano da escola: currículos, conhecimentos e sentidos**. Vitória: Espaço Livros, 2009.

SKEAT, W.W. O lenço que se tece sozinho. In: BORGES, J. L.; CASARES, A. B.; OCAMPO, S. (Orgs.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 392

STAPLEDON, O. Histórias universais. In: BORGES, J. L.; CASARES, A. B.; OCAMPO, S. (Orgs.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 392-393

VARGAS NETTO, M. J. **Gestos tecnológicos: o que pensa o Youtube em um curso de formação de professores de uma universidade na cidade do Rio de Janeiro?** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.